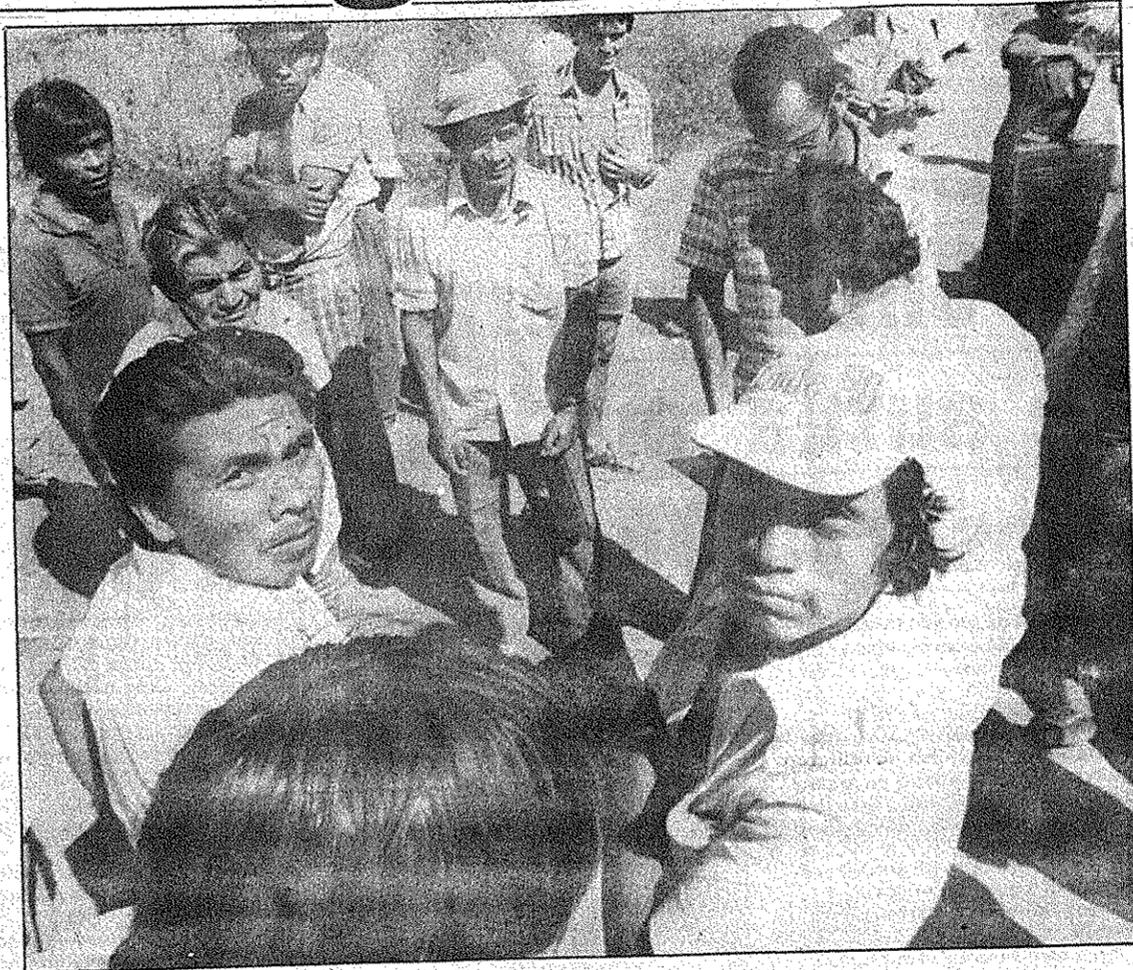


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Sta Catarina Class.: XGR00067
 Data: 20.02.81 Pg.: _____

Polícia Federal prende e autua na Reserva Indígena de Ibirama



É tensa a situação na reserva indígena Duque de Caxias em Ibirama, a 130 quilômetros de Blumenau, onde se encontram desde quarta-feira homens da Polícia Federal, IBDF e FUNAI, que procederam a prisão e autuação de madeireiros acusados de retirarem indevidamente madeira da área reservada aos índios Xoklengs. Mais de quarenta caminhões carregados de madeira foram presos pela Polícia Federal, que aplicou multas que variam de 100 a 250 mil cruzeiros a cada madeireiro correspondente. (Página 2)



Mais de 40 caminhões carregados de madeira foram apreendidos pela Polícia Federal. Clima de tensão domina a Reserva de Ibirama.

Polícia Federal prende e autua madeireiros na Reserva Duque de Caxias

Um clima de grande tensão domina desde quarta-feira a Reserva Indígena Duque de Caxias, de Ibirama, onde vários homens da Polícia Federal, Funai e IBDF procederam a prisão e autuação de madeireiros acusados de retirarem individualmente madeira da região. Soube-se no local, que o fato já era do conhecimento do IBDF há vários dias, mas nada tinha sido feito até o momento por falta de autorização da Funai, o que somente foi conseguido na quarta-feira pela manhã.

Mais de quarenta caminhões carregados de madeira foram presos pela Polícia Federal que aplicou multas que variam de 100 a 250 mil cruzeiros a cada madeireiro correspondente. O clima é tenso na Reserva e com muita dificuldade a reportagem do Jornal de Santa Catarina conseguiu chegar ao local, de onde precisou sair às pressas, ante ameaças dos índios que não escondem seu descontentamento pela ação da polícia, uma vez que eles próprios em grande parte eram os encarregados da venda da madeira.

Vários madeireiros da região de Ibirama e outros municípios estão envolvidos no comércio ilegal de madeira, uma vez que a retirada desta estava proibida pela Funai e pelo IBDF. As autoridades federais presentes no local se negaram a prestar qualquer informação, ficando estas por conta de alguns índios e populares da região, além de fonte da polícia de Ibirama que preferiu não ser identificada.



Harry Teles, delegado da Funai.

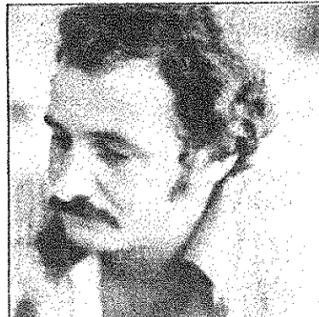
O caminhoneiro Valério Fossa, que transportava madeira para uma serraria de Rodeio, disse que recebeu a voz de prisão e teve o seu caminhão apreendido, com apenas uma tora carregada, pois não obteve êxito e foi flagrado no início do carregamento. Sua multa - disse Valério Fossa é de 250 mil cruzeiros, mas adianta que seu caminhão Chevrolet ano 1968, em péssimo estado de conservação, não vale 100 mil. Disse Valério Fossa que para pagar a multa tem que vender o caminhão e trabalhar mais cinco anos, visto que o seu ganha pão era o caminhão.

Por outro lado, Raulino Barbosa Rodrigues, caminhoneiro, agricultor sem terra, que aproveitava o período em que não trabalhava a terra para fazer fretes, tanto é que transportou apenas cinco cargas para a indústria de Udo Beltrami, de Ibirama, e que a cada viagem ganhava apenas cinco mil cruzeiros, não sabe quanto custou a madeira porque a transação, segundo ele, era feita entre os índios e o comprador.

Sabe entretanto Raulino que a multa imposta pela Polícia Federal e IBDF é de 250 mil cruzeiros, e apenas lamenta que apenas ele tenha que pagar a multa e não o madeireiro que é o pivô de tudo, ou mesmo os índios que vendem madeira à revelia, contrariando as determinações da Funai.

Outro caminhoneiro que foi preso e teve o seu caminhão recolhido pelo IBDF é Tonico Morlow, que puxou quatro carregamentos para uso próprio, a madeira se destinava a fazer uma granja para criar galinhas. Também a multa imposta a Tonico Morlow foi de 250 mil cruzeiros.

Segundo o testemunho dos caminhoneiros apreendidos na Reserva Indígena Duque de Caxias, em



Valério Fossa, caminhoneiro, recebeu voz de prisão e teve o caminhão apreendido com apenas um tora carregada.

Ibirama, o maior responsável pela venda ilegal de madeira bruta da reserva é Maurício Baldo, um branco, de origem alemã, casado com uma índia, e que usa de expedientes dos mais diversos para conseguir dinheiro fácil, sendo que um deles é vender a madeira dos índios para os brancos, sem ao menos prestar contas do numerário.

Maurício Baldo, é o mesmo que instigava os índios contra a imprensa, inclusive ameaçou o repórter com uma tesoura afirmando: "fora os jornalistas e a polícia que vieram estragar o meu negócio, que prosperava até então".

Baldo somente se acalmou quando o delegado da Funai lhe garantiu que a imprensa estava ali a convite dele, que não estava interessada em fazer nenhuma reportagem sobre apreensão de madeira.

Outro caminhoneiro, não identificado, mas sabe-se que transportava madeira para uma serraria do Itaipava, disse que Maurício Baldo é quem mais vendia madeira, que sempre entregava o produto clandestino à noite, para assim burlar a vigilância da Funai e dos demais indígenas da reserva.

Por outro lado, Maurício Baldo que ouvia atentamente o depoimento do caminhoneiro, desmentiu que vendesse madeira, mas ressaltou que eram os madeireiros que roubavam a madeira dos indígenas. Mas isso foi desmentido por um índio ao seu lado.

Baldo no decorrer da entrevista mostrou-se muito preocupado, tendo inclusive uma tesoura na mão ameaçando a todos, afirmando que os brancos eram os maiores responsáveis pela confusão na reserva na tarde de ontem.

Uma senhora índia, em determinado instante, empurrou a sua filha menor para um lado dizendo em altos brados: "Saia daqui, você quer morrer também? Não vê que vai haver briga?"

DELEGADO DA FUNAI DESMENTE OS ÍNDIOS

O delegado da Funai, Harry Teles, que chegou na manhã de ontem na Reserva Indígena Duque de Caxias, em Ibirama, desmentiu categoricamente o cacique Aristides Cilili e o Capitão, líder da tribo, Aimá Piripá, de que tenha ele convocado as autoridades do Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal - IBDF, e os agentes da Polícia Federal, para entrevistarem junto a reserva e contarem o grande volume de madeira que estava sendo retirada ilegalmente da reserva.

Harry Teles disse ainda que a sua missão ali na reserva era um trabalho de rotina, que coincidentemente encontrou-se com os agentes federais e do IBDF, não foi ali para prender ninguém, mas sim para apresentar ao cacique e seu povo uma série de melhoramentos que a Funai vem apresentando ao indígena de todas as reservas dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Harry Teles afirmou que a sua missão é de paz, inclusive que a partir de agora os índios terão mais assistência social, médica e dentária, inclusive contarão com uma assistente social, um médico, um dentista e um engenheiro agrônomo.

CAPITÃO NEZINHO, UMA FERA

De toda a revolta dos índios, ontem à tarde no conglomerado de Duque de Caxias, em Ibirama, quando tentaram agredir elementos da imprensa - JSC -, o autodenominado Capitão da tribo dos Guaranis, foi quem mais agitou a massa indígena, inclusive com ameaças de agressão

caso não saíssem imediatamente. O delegado da Funai Harry Teles, foi quem com muita habilidade conseguiu apaziguar a massa revoltada.

Conseguiu-se apurar também que os índios, inflamados pela ira do capitão Nezinho, não gostaram das presenças dos agentes federais, dos funcionários do IBDF, do delegado da Funai e da imprensa, porque eles estavam ali atrapalhando o comércio ilegal de madeira bruta para madeireiros da região.

Nezinho que iniciou uma rebelião dos índios contra os brancos ontem na reserva indígena Duque de Caxias, em Ibirama, teria sido o responsável também pela venda de parte da madeira ilegalmente, e a presença dos brancos foi uma pedra em seu sapato.

Também o índio Vêi-Tchá Uvanheccú Teiê, assessor do cacique dos Guaranis, disse que ele e outros índios, para não ver os filhos passarem fome, vendiam madeiras aos brancos, que sempre tiravam a madeira as escondidas, e que a entrega sempre foi à noite para não chamar a atenção dos demais componentes da tribo, mas de uns tempos para cá começaram também a fazer a entrega de dia, visto que foi a maneira mais eficaz de desafiar os homens da Funai, que segundo ele maltratam e deixam os índios quase morrerem de fome.



Raulino Barbosa Rodrigues (caminhoneiro): multa de Cr\$ 250 mil.

Disse que deixavam a madeira na beira das estradas e na medida em que os caminhoneiros iam passando eles ofereciam muito a baixo do preço real. O negócio era arranjar dinheiro para alimentar a família.

OS MADEIREIROS COMPRADORES

Entre mais de quarenta compradores ilegais de madeira da reserva indígena Duque de Caxias de Ibirama, segundo os próprios índios destacam-se as firmas: Ademar Menegheli, Irimar Weitmann, Mimo Zonta, Chico Hobler, Madeireira Bolletti, Artesio Pandini, Pedro Fossa, Madeireira Weg, Irimar, Aldo, além de particulares que compravam e vendiam a melhor oferta, Udo Bentramini, entre outros.

Dos implicados, todos estão catalogados nos autos de Polícia Federal, que trabalha em combinação com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF, no recinto da Delegacia de Polícia da Comarca de Ibirama, no prédio da antiga Prefeitura.

As investigações deverão se estender até o final da próxima semana, quando outros nomes deverão ser esclarecidos e autuados.



O índio Vêi-Tchá Uvanheccú Teiê disse que ele e outros índios vendiam madeira "para não verem os filhos passarem fome".